

Segundo Caderno

O GLOBO

Rio de Janeiro, sábado, 13 de outubro de 1984

Mercedes faz disco 'brasileño'
Mercedes Sosa está acabando de gravar em Buenos Aires um disco muy brasileño: dele participam Wagner Tiso e a dupla gaúcha Kleiton e Kleidir, que será lançado no Brasil antes do fim do ano. Página 3.

"Mamão" lança seu disco solo
Ivan Conti, mais conhecido como "Mamão", baterista do grupo Azymuth, faz hoje única apresentação no bar Existe Um Lugar, lançando seu disco-solo. Este é um dos destaques das páginas do Rio-Show

Nas milhares de fotos de Emil Forman, os infinitos traços de uma única pessoa

VERA SATRE

Em 1975, o artista plástico Emil Forman inaugurava a Sala Experimental do MAM com uma exposição de milhares de fotos de uma mesma pessoa, que ele não identificava quem era, mas informava ter nascido em 1918. O catálogo do artista explicava que a mostra "consistia na apresentação de toda documentação fotográfica que foi possível fazer acerca de uma pessoa".

Em outro trecho do catálogo, Emil Forman chamava a atenção para os ângulos da fotografada, não querendo ter nenhum compromisso com a pessoa real. E justificou:

A pessoa é vista sozinha ou em grupo. De longe, de costas. Ou mesmo parcialmente: a testa, a nuca, um braço, a ponta do pé.

— A pessoa aparece sozinha ou em grupo, de longe, de costas, ou mesmo parcialmente, a testa, um braço, a ponta do pé. Há uma foto em que aparecem somente suas sombras. Há retratos posados em estúdios, de lambe-lambe, grupos comemorativos. A mesma e curiosa exposição está de volta ao MAM e vai ficar até o fim do mês. Ocupa o mesmo espaço de nove anos atrás. E faz parte da retrospectiva em homenagem ao artista. Ele morreu em outubro do ano passado, então com 29 anos, em Nova York, onde estava morando desde 1979. Daí, a se revelar que as fotos são de Antonieta Clélia Rangel Forman, a Dona Nieta, sua mãe: — Emil queria contar a vida de uma pessoa através de fotos, e o acervo a que ele tinha acesso era o meu. Não é verdade que sofria de um complexo de Édipo exacerbado, conforme ouvi dizerem por aí. Meu filho era um artista. A admiração de Emil Forman pela mãe foi, certamente, pelo charme que ela sempre exerceu sobre a família. Dona Nieta, já em 1939, fre-

quentava o curso de piloto do Departamento de Aviação que funcionava no Late Clube carioca. Lá havia também um hangar com hidroavião, onde ela se exibia. Foi ainda das primeiras mulheres a tirar um brevê de aviação, provocando escândalo quando pilotava até Cabo Frio. Pelas fotos do seu passado, que estão expostas de novo no MAM, pode-se constatar o gosto da mãe de Emil pela ginástica e pelo esporte. Fazia ioga muito antes de estar em moda. E praticava equitação na Sociedade Hipica Brasileira, vencendo diversas competições de salto. Dona Nieta foi deixando de lado a vida espor-

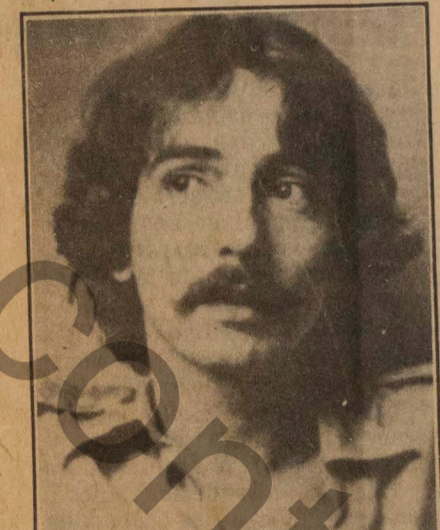
fazer crochê. Era aquela pessoa que fazia um par de sapatinho para cada bebê que nascesse. Passou a vida inteira sonhando com um lugar para ela, e morreu deixando tudo acumulado em três baús. Tudo guardado de uma maneira muito especial. Abotoava alfinetes de fralda em fitas de cetim coloridas. Acumulava caixas e caixas de novelas de linha e de lã. Enchia uma latinha de fructines Vicchy (laxativo francês) com alfinetes. Enrolava fiapos de linha em cartões. Enchia um saco com amostras de pontos de bordar.

Emil Forman, volta e meia, dizia que se impressionava com o modo de as pessoas guardarem coisas. Ele nunca quis frequentar nenhuma faculdade, como os irmãos. Desenhando desde pequeno, resolveu ser artista. Desenhava pessoas pequeninas que moravam dentro de móveis. Em 1975, já conhecido, foi para a Bienal dos Jovens, em Paris, levando a exposição de Maria dos Anjos. De lá para cá voltou ao Brasil duas vezes. Numa dessas voltas, Emil arrumou de maneira peculiar os armários da casa, no Flamengo. No armário embutido, no corredor, enfileirou em oito prateleiras, e com muito bom gosto, objetos velhos e ultrapassados.

Em Nova York, Emil Forman ajudou a pesquisar um livro sobre outro grande guardador de coisas como ele, o Joseph Cornell. O livro foi editado por Kynaston McShine, e Emil Forman é citado no prefácio. Logo depois da sua morte, a irmã, Dora, viajou aos Estados Unidos para cuidar do traslado e trazer os pertences de Emil Forman. São milhares de slides que documentam maneiras de viver. São fotos de vitrines, festas, pessoas. Nos baús de Emil Forman há também muitos livros, desenhos, coleções de tudo o que se possa imaginar, desde caixas de embalagem a ex-votos. Alguns trabalhos deste tipo estão agora na retrospectiva do MAM. A família de Emil Forman só não sabe ainda que vai fazer com o material deixado por ele. É possível que a obra seja conservada em uma Fundação Emil Forman.



Disposta nas oito prateleiras do armário embutido, uma bizarra e heterodoxa coleção de velhos objetos em desuso



Emil Forman, morto aos 29 anos nos EUA



Desenho, sem título, pastel sobre papel, 1979, de Emil Forman



D. Nieta Rangel Forman, mãe e modelo, diante dos 'guardados' que o filho colecionava

tiva para se dedicar aos filhos, que foram nascendo. Emil era o caçula ainda. Os outros são Clélia, engenheira química; Dora, psicóloga; e Hugo, engenheiro. E avô de Christiano e Daniel, oito e seis anos, filhos de Dora.

A família de Emil Forman sempre viveu num imenso apartamento na Praia do Flamengo. Dona Nieta incentivou nos filhos o gosto pela arte. E ninguém pôe nada fora, eles têm mania de guardar tudo. E é por isso que, ainda no MAM, pode-se ver parte da primeira exposição individual de Emil, que foi em 1973, no Centro de Pesquisa de Arte Ivã Serpa, e "Maria dos Anjos". Era a governanta portuguesa, de Vila Chã, que trabalhou 50 anos na casa e morreu em 1968.

A Iá, conforme era chamada por Emil e os irmãos, deixou grandes tralhas que foram transformadas em obra de arte por Emil. A governanta gostava de bordar, costurar,

dona Iá, governanta portuguesa da família, os objetos com os quais Emil foi ocupando/invadindo o quarto que dividia com o irmão, como se o artista os documentasse num audiovisual. São as centenas de dese-

Como Oiticica, Emil via na arte uma promessa de felicidade. E o caminho para atingi-la foi uma espécie de lúcido marginalismo.

lidade consciente, não fora já o exercício da arte uma opção pela marginalidade num mundo dominado pelo pragmatismo econômico e a política. Emil tinha esse "educado desencanto" de que fala Cildo Meireles num dos textos do catálogo, e que "só a nobreza e sensibilidade de seu ser poderiam experimentar, e que só elas, também, conseguiriam ocultar".

Mas eu dizia que há uma idéia de quantidade que perpassa toda a obra de Emil Forman. De fato, os números dessa exposição e/ou de sua obra não mentem. São as quase cinco mil fotos de sua mãe (retratos de estúdio, lambe-lambe, de grupos comemorativos, fotos autografadas, de viagem, slides, recortes de jornal e até filmes, estes últimos ausentes nesta remontagem da mostra de 75) distribuídos no espaço do MAM e criando um clima de ex-votos numa "casa de milagres". São os "guardados" de

nhos que realizava, durante o trabalho, em pequenos papéis, nos quais retratava de modo crítico e um tanto debochado a figura feminina, meio Carmem Miranda-meio socialite, vez por outra transformando-a em figura andrógina. São variações em torno de um mesmo tema, música interminável. Aliás, muitas dessas figuras femininas são desenhadas sobre uma pauta musical. Talvez Emil estivesse buscando

na quantidade, na repetição, a imagem única, perfeita — "um em mil", como diz também, trocadilhando Tunga —, uma qualidade que unificasse e desse coerência à sua obra. E, porque não dizer, à sua vida. Dona Iá tecia sua solidão com a linha dos pequenos romances, cujos restos foi acumulando ao longo de sua vida. Emil fazia o mesmo com seus desenhos miúdos, quase todos eles legendados com jogos verbais como estes: "mozarticle de luxe", "gato é chat, chá é thé, papagaio é perroquet".

Quantidade quer dizer, no caso do nosso artista, colecionismo. E o ato de colecionar tem sido tema de muita discussão entre historiadores, antropólogos, semiólogos e psicanalistas. Maurice Rheims diz que "o gosto da coleção é uma espécie de jogo passional", enquanto outros, como Baudrillard, vão mais longe ao ver, de um lado, uma relação precisa entre coleção e sexualidade ("a coleção aparece como uma compensação poderosa nas fases críticas da evolução sexual") e, de outro, um sentido mórbido: completar uma coleção é, de certa maneira, morrer.

Variações em torno de um mesmo tema, música infundável

Há uma idéia de quantidade que passa, todo o tempo, na exposição de Emil Forman, no Museu de Arte Moderna do Rio. O artista suicidou-se, no ano passado, em Nova York, onde residia há vários anos, e esta mostra, organizada pelo Projeto Arte Brasileira Contemporânea, da Funarte, tem um caráter póstumo. Mas a decisão de realizá-la foi, antes de tudo, de alguns amigos.

Por vezes, vejo certas aproximações nas trajetórias de Hélio Oiticica e Emil Forman. Ambos, aliás, foram alunos de Ivan Serpa, de quem herdaram uma espécie de obsessão pelo método e pelo rigor, sem que isso viesse a perturbar o caráter inventivo de sua criação. Certo, a trajetória de Emil Forman pela arte brasileira foi mais fugaz e sua obra, com toda certeza, é menos radical e complexa que a de Oiticica. O que os aproxima, entretanto, é esta estreita vinculação entre arte e vida, o fluxo vital informando suas criações e vice-versa. Ambos eram, no fundo, pessimistas, mas, de alguma maneira, viram na arte uma promessa de felicidade. E o caminho para essa felicidade foi uma espécie de margina-